



A abordagem jornalística em assassinatos violentos e crimes em série.¹

Clarissa Pippi de Medeiros²

Gilson Alves³

Matheus Rivé Boia Menezes⁴

Centro Universitário Franciscano - UNIFRA

Resumo

O presente artigo foi elaborado por uma equipe de acadêmicos do curso de Comunicação Social – Jornalismo da UNIFRA-RS. O trabalho é resultado de um estudo desenvolvido para a disciplina de Projeto Experimental em Televisão, produzido a partir de conceitos de jornalismo investigativo e policial. A pesquisa foi realizada para viabilizar a produção de uma série de três reportagens, para televisão, sobre assassinatos em série e crimes que abalaram a sociedade, abordando a construção da notícia veiculada para a televisão. Tenta-se mostrar o impacto que as reportagens sobre crimes violentos causam na sociedade. Entende-se que para tornar público qualquer reportagem investigativa, é preciso ter por base uma série de mecanismos que tornem praticamente impossível a eventualidade de se publicar algo que atinja injustamente a reputação de alguém ou alguma entidade.

Palavras-chave

Televisão; reportagem; jornalismo investigativo.

Os veículos de comunicação encontram os meios mais peculiares para abordar temas onde assuntos de caráter investigativo sirvam como pauta. O que procuramos pesquisar nesse projeto são esses meios encontrados para se chegar até a notícia

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática Jornalismo, da Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Estudante do 8º semestre de jornalismo – Centro Universitário Franciscano- UNIFRA

³ Estudante do 8º semestre de jornalismo – Centro Universitário Franciscano - UNIFRA

⁴ Estudante do 7º semestre de jornalismo – Centro Universitário Franciscano - UNIFRA



investigativa, e de que forma se adquire pistas o suficiente para publicar o material que geralmente não é preciso e sempre apresenta elementos novos a serem confirmados.

Para entendermos as coberturas jornalísticas realizadas em casos onde a violência, o medo, a dúvida estão presentes, nós buscamos entrevistar pessoas que estiveram envolvidas em casos onde a polícia e a mídia foram cúmplices e trabalharam com o objetivo de alcançar os responsáveis pela tragédia. Pessoas que presenciaram crimes violentos, que contribuíram para que a lei fosse aplicada e a justiça fosse feita.

O principal foco de nossa pesquisa e produção áudio-visual foi à experiência relatada por profissionais de jornalismo que em algum momento de suas vidas tiveram contato com o jornalismo investigativo e nos forneceram descrições imprescindíveis para traçarmos as ações e métodos que são utilizados na elaboração da notícia investigativa. Utilizamos de dois casos em especial para direcionarmos nossas considerações e apresentarmos os direcionamentos da imprensa na composição da equipe que desenvolve a investigação, na rotina de trabalho, no contato com a polícia, as técnicas para tratar do assunto e até mesmo a descrição de um assassino.

Investigamos dois assassinatos que agiram no território nacional em épocas diferentes. O primeiro caso analisado foi do criminoso que ficou conhecido como a besta do ácido, um homem que atirava ácido sulfúrico em suas vítimas e que espalhou pânico na cidade de Santa Maria- RS, no final da década de 60. O caso foi acompanhado por moradores que não saíam de suas casas, com medo de serem surpreendidas pelo assassino. Os jornais locais trabalhavam intensamente para colaborar com a solução do caso, quase que diariamente uma matéria era publicada contando as novas provas e pistas que a polícia teria acesso na época. A polícia nunca conseguiu chegar até o homem que fez seis vítimas, todas do sexo feminino.

O outro caso foi de um maníaco que iniciou seus crimes no estado de São Paulo, onde estuprou e assassinou seis mulheres e atacou outras nove. Ele foi capturado pela polícia em Itaqui – RS, após uma denúncia feita por uma família habitante da localidade. Tanto o primeiro e segundo caso foram amplamente divulgados pela mídia local e até mesmo internacional no caso do maníaco do parque. A colaboração da imprensa ajudou na captura ou não? Questionamentos como esse, foram descritos pelos nossos entrevistados, que contaram suas experiências, suas técnicas de trabalho e nos possibilitaram o contato com os bastidores da notícia investigativa e o tratamento na



abordagem investigativa quando refere-se a homens que traçam o perfil de psicopatas, sociopatas.

Segundo LOPES (2001, p.93), metodologia “é uma investigação específica e constitui-se numa metateoria ou metaciência. É entendida como um conjunto de decisões e opções particulares que são feitas ao longo de um processo de investigação”.

Nesta série de reportagens, nossa intenção é tratar da cobertura jornalística diante de crimes que tiveram grande repercussão na imprensa. Para isso, procuramos desenvolver entrevistas, pesquisamos em jornais do arquivo público municipal de Santa Maria- RS consultamos a polícia para chegar a algumas fontes e depois partimos para a edição.

Depois de decidido o tema (crimes de grande repercussão na imprensa) e o formato (série de reportagens) nos reunimos, os componentes do grupo e a professora orientadora, para entrarmos em acordo quanto às fontes a serem consultadas. Como o tema inclui o tipo de abordagem feito pela imprensa, ficou decidido que seria necessário conversar com dois jornalistas, a fim de que houvesse um contraponto entre suas opiniões e um psiquiatra ou psicólogo, para analisar que efeitos a abordagem dos veículos causam em um criminoso. Além disso, precisaríamos entrevistar testemunhas de um crime acontecido em Santa Maria, na década de 60, conhecido como a “A Besta do Ácido”.

Logo depois de decididas as fontes, entramos em contato com estas e fomos a campo. Nas entrevistas com os jornalistas, procuramos saber, se em alguns casos existem exageros e se algumas vezes essa cobertura atrapalha as investigações. Ao psiquiatra, interrogamos a que ponto o “nome do criminoso” em jornais e televisão, influencia nas atitudes desse fora da lei. Quanto ao caso da “Besta do Ácido”, vasculhamos o arquivo municipal de Santa Maria-RS, a fim de encontrar a abordagem do jornal da época. A partir daí, conversamos com a vizinha de uma das vítimas e encontramos um inspetor policial que trabalhou no inquérito.

Realizadas as entrevistas, partimos para o processo de edição nas ilhas. Reunidas todas as imagens, primeiramente, assistimos todas as entrevistas. Separamos quais fontes iriam entrar em cada uma das séries e após isso, partimos para um processo individual, onde cada um seria responsável por uma série. Devidamente gravados os OFFS e as cabeças e editadas as imagens, com o auxílio do técnico responsável,



escolhemos uma trilha adequada ao assunto “crimes” e encaixamos em nossa produção. Todo esse artifício, porém, só pode ser considerado fechado, após minuciosa avaliação de nossa orientadora.

A televisão representa um importante aliado na recepção da informação, possui uma programação cada dia mais variada, onde muitas vezes encontramos quase tudo que gostaríamos de ver ou até mesmo rever. Atualmente ela perdeu muito da sua exclusividade como instrumento de recebimento da informação devido a chegada da internet. Mas culturalmente é que esse lugar se faz presente, como se além de distração ela também representasse a união e tantos outros significados. A televisão faz com que seja possível que escutemos e vejamos possibilitando inclusive o debate sobre assuntos que ela sugere como pertinentes de serem divulgados. E se pensarmos em nossos mecanismos vitais perceberemos que o meio de comunicação desperta nossos sentidos de maneira quase que em conjunto e esses sentidos são saciados e prendemos com mais facilidade a atenção no objeto observado. Basta pensar em quantos sentidos vitais usamos para ver tv.

Construindo pontos de vista que se situam do lado de fora, mas em frente a nós, a televisão dirige-se prioritariamente ao nosso olhar, incitando os telespectadores a seguirem as respectivas emissões como se estivessem no centro do universo televisivo. Há, neste contexto, dois mundos: aquele que apresenta o pequeno ecrã (de natureza pública) e aquele que pertence a cada telespectador (de índole privada) que se pretende fazer fundir num só, diluindo-se, desse modo, o público e o privado numa realidade psicológica. (LOPES, 2006, p.3)

Elaboramos o conhecimento adquirido através do nosso olhar televisivo, e encontramos suporte para distinguir o que é prioritário, o que nos faz bem ou até mesmo o que nos atija a curiosidade. São fenomenos que as categorias televisivas contemplam em vários canais e assuntos variados.

Reconhecemos através desse projeto que o formato televisivo conhecido como série de reportagens, no ambiente televisivo, proporciona uma proximidade dos telespectores aos assuntos abordados e discutivos no produto audio-visual. A escolha por esse formato de programa foi idealizado devido a dinâmica que o mesmo representa, mostrando a notícia de forma complementar, onde o mesmo tema pode ser abordado de formas diferentes, dando ao telespectador a chance de conhecer mais do assunto. O que seria impossível numa simples notícia televisiva e amplia as possibilidades quando exploramos a notícia numa reportagem televisiva.



Mas, para além das críticas, também recebidas com frequência por este tipo de programa televisivo, é inegável admitir a importância que os telejornais assumem numa sociedade como a brasileira, em que para uma significativa parcela da população eles se constituem na única forma de acesso diário às notícias. (COUTINHO, 2008, p.2)

A série de reportagens no ambiente televisivo proporciona uma proximidade dos telespectadores aos assuntos abordados e discutidos no produto audiovisual. Para Coutinho, a série de reportagens se aproximaria de um tipo de novela informativa, em que cada capítulo abre espaço para aprofundarmos nosso conhecimento a um determinado tema ou aspecto da realidade tratado pela TV.

Nosso projeto se utilizou desse recurso em formato de programa televisivo e naturalmente foi traçado o caminho de esclarecimento sobre os casos abordados, assim como as relações que o mesmo estabeleceu com a realidade pesquisada. O formato que encontramos para contar nossa história foi tratado conforme as necessidades encontradas para que a linguagem se tornasse linear e clara. Encontramos assim a forma que fosse mais similar a proposta do trabalho, utilizando técnicas jornalísticas como, entrevistas, OFFs, Cases, Passagens, ancoragem, e até mesmo o recurso que achamos conveniente a proposta do projeto de TV, que foi a legenda do assunto a ser abordado distribuído durante a série conforme a necessidade de sua função. Essa legenda aparece dentro das entrevistas, como uma espécie de crédito ao assunto que virá posteriormente e dá o diferencial que buscamos para a elaboração de nossa série de reportagens. O tema que abordamos é ligado ao jornalismo investigativo e suas várias abordagens, rotinas e relação com casos em que a violência e inconformismo são características marcantes.

Apesar de toda a dificuldade metodológica que envolve mensurações e tratamento de hipóteses sobre o impacto da violência veiculada através da televisão sobre a sociedade ocidental, existe uma espécie de consenso entre os pesquisadores mais conceituados de que esse tipo de exposição aumenta a propensão dos telespectadores a desenvolverem algum tipo de agressividade na vida real. (RANGEL, 2007, p.2)

Como destaca o autor, a violência pode sim gerar mais violência e ela pode representar uma porcentagem muito grande do que vemos, ouvimos ou falamos no nosso dia a dia. Pois, a maioria das notícias publicadas transita por assuntos, que chocam a humanidade, com uma frequência muito grande. A violência se faz presente em



palavras, em gestos e possuem um poder que esta intimamente ligada nas escolhas no campo jornalístico, sendo citada muitas vezes como um critério de noticiabilidade. Sabe-se então, que em muitos momentos não há como fugir do conteúdo violento, principalmente quando nosso foco é falar do segmento do jornalismo que convive com a rotina de tudo que é considerado trágico e muito violento muitas vezes. Estamos falando em Jornalismo investigativo.

Jornalismo é a atividade profissional que consiste em lidar com notícias, dados factuais e divulgação de informações. Ele pode ser definido ainda como a prática de coletar, redigir, editar e publicar reportagens. O jornalismo está segmentado em editorias como esportiva, cultural e policial, entre outras.

Denomina-se jornalismo policial a especialização do repórter nos fatos criminais, judiciais, de segurança pública e, como o nome sugere, em investigações policiais. As primeiras coberturas desta editoria surgiram em meados do século XIX, nos jornais sensacionalistas da Inglaterra e dos Estados Unidos.

De acordo com o jornalista Eduardo Fuccia, é possível perceber que desde a metade da década de 90 a cobertura de crimes tem ganhado espaço nos veículos de informação de todo o mundo. Ele afirma em seu livro *Reportagem Policial: Um jornalismo Peculiar*, que este gradativo aumento deve-se a fatores como aumento da violência, globalização do crime e a sofisticação do modo de atuação dos criminosos. Fuccia esclarece ainda que o principal motivo para que as matérias de caráter policial tenham ganhado espaço na mídia seja o interesse do público.

“Claro que existem mais razões para o crescente aumento da cobertura policial e todas elas somadas geram, talvez, o principal motivo para os meios de comunicação dedicarem cada vez mais espaço ao noticiário criminal: o interesse pelo assunto por grande parte da audiência” (FUCCIA, 2008, p.15)

Devido ao grande interesse público que as reportagens policiais geram Fuccia defende a especialização do jornalista que atua nessa seção. Isto porque, o profissional deve ter intimidade com a linguagem jurídica para traduzi-la à seu público.

“Pela crescente difusão de notícias policiais e pelo grande interesse que elas despertam, a reportagem policial requer especialização dos profissionais, embora isso seja desejável aos jornalistas de todos os segmentos. Aliás, além do jornalismo, os demais ramos de atividade exigem cada vez mais especialização.” (FUCCIA, 2008, p.27)



O compromisso social da reportagem policial exige bom senso do jornalista, que é caracterizado pelo confronto da relevância e ou imprescindibilidade da informação com a sua repercussão na vida de terceiros. Sejam estes vítimas, testemunhas ou a sociedade de forma geral. Com responsabilidade, o repórter conquista respeito e confiança das fontes, recebendo destas informações privilegiadas, porque saberá o momento de divulgá-las. Ao contrário, quem não observa essa regra ficará alheio aos fatos que, futuramente, lhe renderiam furos de reportagens.

Por lidar com o crime e criminosos, muitas vezes de alta periculosidade, o Jornalismo Policial é um setor de alto risco para os profissionais, principalmente os repórteres apuradores que vão às ruas e se expõem aos criminosos e aos policiais. Além dos próprios bandidos, o jornalista desta área pode sofrer ainda retaliações ou ameaças de policiais corruptos.

Na maioria dos casos os repórteres de polícia utilizam técnicas de apuração do jornalismo investigativo. Os trabalhos mais conhecidos deste segmento foram produzidos nos anos pós-Segunda Guerra Mundial e quase todos se originaram nos Estados Unidos. O florescimento desse gênero se dá entre 1955 e 1974. Entre esses anos, e em consequência da participação do país na Guerra do Vietnã, no período 1964-1973, os jornalistas americanos se posicionaram contra o governo e começaram analisar criticamente a atuação dos políticos. A imprensa havia alcançado um estágio de amadurecimento suficiente para enfrentar outras forças estabelecidas, particularmente os políticos profissionais (LOPES, 2006, p. 11)

O jornalismo de investigação fornece à comunidade oportunidade de negar ou afirmar, corrigir ou ignorar uma importante ocorrência na sociedade. Segundo o jornalista Doutor em comunicação social pela Faculdade de Comunicação da Universidade de Navarra, na Espanha, Carlos Alberto Di Franco, o jornalismo cumpre uma função social importante. Ele explica que a sociedade percebe, com razão, que só o jornalismo investigativo, ancorado na liberdade de expressão e no direito a informação, acabará com a cultura de acobertamento da corrupção.

Alguns autores afirmam que o termo jornalismo investigativo é redundante, pois todo jornalismo pressupõe uma investigação. “A reportagem continua absoluta no centro de produção jornalística. Não há nada nesta profissão que não passe pela



atividade de buscar a notícia. Toda reportagem requer uma investigação”. (PERIAGO, 2008, p.170)

Mesmo assim, a reportagem repleta de investigação tem pouco espaço e tempo na mídia. Isto porque a produção das notícias alcançou uma necessidade de divulgar a informação segundos depois que acontece o fato. Isso fragiliza o trabalho do repórter, devido à superficialidade com que ele tem que tratar a notícia. De acordo com Leandro Fortes, autor do livro *Jornalismo Investigativo a apuração os fatos perde cada vez mais espaço em todas as redações*.

“Fala-se em jornalismo Investigativo como se fosse possível um repórter dedicar-se exclusivamente à investigação jornalística pura, ainda mais na época atual, com redações reduzidas pela metade, pressões políticas a todo vapor e, mal dos últimos tempos, sob ameaça de uma indústria crescente de ações judiciais que tem encontrado diversos guetos do Poder Judiciário, onde há forte indisposição de grupos de magistrados com a imprensa” (FORTES, 2005, p.25)

O objetivo do jornalismo investigativo é ir à essência das coisas, tentar responder os porquês que provocam uma situação prejudicial ao interesse público. Cabe ao jornalismo de investigação mostrar como funcionam os mecanismos burocráticos do sistema. O jornalista investigativo deve definir e denunciar o que seja operacionalmente ou conceitualmente falso.

Além disso, este segmento busca promover reformas, expor injustiças, desmascarar fraudes, dar a conhecer o que os poderes públicos querem ocultar, detectar quais instituições não cumprem seus deveres, demonstrar como funcionam os organismos públicos dar informações aos leitores sobre os políticos e suas intenções e reconstruir acontecimentos importantes.

O jornalismo investigativo nem sempre necessita de um fator que nas outras áreas é essencial, o imediatismo. Quando falamos isso, claro que não nos referimos a um repórter comum que faça parte de um veículo aonde o que interessa é a informação instantânea. Geralmente uma grande produção investigativa fica a cargo de um repórter mais experiente e que tem o tempo necessário para a produção da matéria. Segundo Fortes:

O que diferencia o jornalismo investigativo dos demais setores da atividade são as circunstâncias, normalmente mais complexas, dos fatos, sua extensão



noticiosa e o tempo de duração que, necessariamente, deve ser maior, embora quase sempre exercido sobre pressão. (FORTES, 2005, p. 35)

O jornalista investigativo necessita adotar um plano de trabalho, traçando todos os passos necessários para a apuração. Ele precisa saber bem aonde quer chegar até obter todas as provas necessárias pra expor ao público seja uma fraude, denúncia, ou qualquer outra irregularidade. Dentre as medidas a serem adotadas estão à avaliação do tema, estudo das técnicas e estratégias que podem ser acionadas, o tempo necessário para fazer a matéria, os gastos previstos e possíveis dificuldades a serem encontradas. Em seguida, é preciso além de muita paciência e insistência, recolher depoimentos de fontes, relacionar documentos, comparar versões e partir em busca da comprovação dos dados.

Ao praticarmos o jornalismo investigativo devemos tomar cuidados quanto a algumas técnicas utilizadas. Por exemplo, uma infiltração profissional no centro dos acontecimentos e o uso de grampos, câmeras ou gravadores escondidos ocasionam o confronto com a ética e nos faz pensar até que ponto extrapolar as barreiras do bom senso para conseguir produzir matérias. Conforme Fortes, apud Noblat:

Porque sou jornalista e porque vivemos em uma democracia estou liberado para valer-me de qualquer recurso que assegure à sociedade o direito de tudo saber? Posso roubar documentos, mentir, gravar conversas sem autorização, violar leis? Onde está escrito que disponho de tais prerrogativas? (FORTES, 2005, p. 54)

Já é de conhecimento geral, que todas as fontes devem ter um histórico de credibilidade, mas no investigativo, isso se reforça. Para tornar público qualquer reportagem investigativa, é preciso ter por base uma série de mecanismos que tornem praticamente impossíveis a eventualidade de se publicar algo que atinja injustamente a reputação de alguém ou alguma entidade.



Referencias bibliográficas

COUTINHO, Iluska –Séries de reportagem em televisão: Reflexão sobre um possível Telejornalismo interpretativo- compós em 2008, disponível em <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2008/resumos/R3-0588-2.pdf>- Acesso em 01 de Junho de 2009

FERNANDES, Dirceu, PROENCA José Luis. **Jornalismo Investigativo**. São Paulo: Editora. São Paulo, 2003

FORTES, Leandro. **Jornalismo Investigativo**. São Paulo: Editora Contexto, 2005

FUCCIA, Eduardo Velozo. **Reportagem Policial: Um jornalismo Peculiar**. Santos: Editora Realejo, 2008

LOPES, Felisbela, - A informação desportiva emitida na TV dirige-se aos sentidos ou ao pensamento- compós em 2006, disponível em <http://www.bocc.ubi.pt/pag/lopes-felisbela-tv-do-futebol-2006.pdf>- Acesso em 01 de Junho de 2009.

RANGEL, Jair G. - O estudo da violência na televisão- compós em 2004, disponível em http://www.fca.pucminas.br/saogabriel/raop/pdf/estudo_violencia_tv.pdf- Acesso em 02 de Junho de 2009.